

COLEÇÃO ARGONAUTAS

Publicada em 1958, *Antropologia estrutural* pode ser considerada obra fundadora de uma das mais influentes vertentes do pensamento do século xx, o estruturalismo francês. Neste volume, o antropólogo Claude Lévi-Strauss reúne os artigos que definiram seu campo de estudo, em contraposição à história, à psicanálise e à sociologia, propondo um novo método, baseado nos pressupostos da linguística estrutural. Com uma forte ênfase nas formas simbólicas produzidas pelo homem em diferentes culturas, o autor renovou sua disciplina e o modo de pensar temas clássicos como parentesco, mitologia e identidade. Entre os ensaios mais conhecidos estão aqui "História e etnologia", "A eficácia simbólica" e "A estrutura dos mitos".



CLAUDE LÉVI-STRAUSS
ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL

tradução Beatriz Perrone-Moisés

ubu

9 Prefácio

Introdução

13 I. História e etnologia

Linguagem e parentesco

41 II. A análise estrutural em linguística e antropologia

63 III. Linguagem e sociedade

74 IV. Linguística e antropologia

87 V. Posfácio aos capítulos III e IV

Organização social

105 VI. A noção de arcaísmo em etnologia

123 VII. As estruturas sociais no Brasil Central e Oriental

135 VIII. As organizações dualistas existem?

Magia e religião

167 IX. O feiticeiro e sua magia

186 X. A eficácia simbólica

205 XI. A estrutura dos mitos

232 XII. Estrutura e dialética

Arte

243 XIII. O desdobramento da representação nas artes da Ásia e da América

274 XIV. A serpente de corpo repleto de peixes

Problemas de método e de ensino

281 XV. A noção de estrutura em etnologia

325 XVI. Posfácio ao capítulo XV

346 XVII. Lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas levantados por seu ensino

385 Bibliografia geral

407 Sobre o autor

417 Índice remissivo

427 Índice de figuras

Permitam, com este livro a ser publicado em 1958, ano do centenário de Émile Durkheim, que um discípulo inconstante renda homenagem à memória do fundador da Année Sociologique, ateliê prestigioso no qual a etnologia contemporânea recebeu parte de suas armas, e que relegamos ao silêncio e ao abandono, menos por ingratidão do que devido à triste certeza que temos de que a empresa atualmente excederia nossas forças.

ρύσεων μεν πρώτιστα γένος.

PREFÁCIO

Em estudo recente, Jean Pouillon escreveu uma frase que, espero, não se importará em ver citada por mim no início deste livro, pois corresponde admiravelmente a tudo o que desejei realizar em termos científicos, duvidando constantemente de tê-lo conseguido: “Lévi-Strauss com certeza não é o primeiro, nem o único, a sublinhar o caráter estrutural dos fenômenos sociais, mas sua originalidade está em ser o primeiro a levar isso a sério e daí tirar, imperturbavelmente, todas as consequências”¹.

Eu me sentirei realizado se este livro puder levar outros leitores a compartilhar dessa opinião.

Estão aqui reunidos dezessete dentre a centena de textos escritos nos últimos quase trinta anos. Alguns deles se perderam, outros podem cair no esquecimento sem desvantagem. Entre os que me pareceram menos indignos de subsistir, fiz uma seleção, excluindo os trabalhos de caráter puramente etnográfico e descritivo e outros, de alcance teórico, mas cuja substância se encontra incorporada em meu livro *Tristes trópicos*. Dois textos são aqui publicados pela primeira vez (caps. v e xvi), reunidos com outros quinze que me parecem apropriados para esclarecer o método estrutural em antropologia.

Para formar esta coletânea, deparei com uma dificuldade para a qual devo chamar a atenção do leitor. Vários de meus artigos foram escritos diretamente em inglês, e era preciso, portanto, tra-

1. Jean Pouillon, “L’Œuvre de Claude Lévi-Strauss”, *Les Temps Modernes*, 12^e année, n. 126, julho 1956, p. 158.

Introdução

duzi-los. No decorrer do trabalho, impressionou-me a diferença de tom e de composição entre os textos concebidos em cada uma das línguas. Daí decorre uma heterogeneidade que, temo, pode comprometer o equilíbrio e a unidade da obra.

Tal diferença se explica, certamente, pelo menos em parte, por causas sociológicas: não se pensa e não se expõe do mesmo modo quando o público é francês ou anglo-saxão. Mas há também razões pessoais. Por mais que eu esteja habituado à língua inglesa, na qual ensinei durante vários anos, eu a utilizo incorretamente e num registro limitado. Penso em inglês o que escrevo nessa língua, mas, ainda que nem sempre me dê conta disso, digo o que posso com os meios linguísticos de que disponho, não o que quero. O que acarreta em mim uma sensação de estranheza diante de meus próprios textos, quando tento traduzi-los para o francês. Visto ser altamente provável que o leitor compartilhe essa insatisfação, era preciso que eu a justificasse.

Tentei minimizar o problema adotando uma tradução bastante livre, resumindo certos trechos e desenvolvendo outros. Artigos em francês também foram ligeiramente remanejados. E, por fim, acrescentei algumas notas aqui e ali, para responder a críticas, corrigir erros ou incorporar novos fatos.

Paris, 1.º de novembro de 1957.

I. HISTÓRIA E ETNOLOGIA

Mais de meio século se passou desde que Hauser e Simiand expuseram e opuseram os pontos de princípio e método que, segundo eles, distinguem entre si a história e a sociologia. Lembramos que tais diferenças dizem respeito essencialmente ao caráter comparativo do método sociológico, monográfico e funcional do método histórico.¹ Ambos os autores concordam quanto a essa oposição, discordando apenas quanto ao valor respectivo de cada método.

O que aconteceu desde então? Somos obrigados a constatar que a história se ateve ao programa modesto e lúcido que lhe era proposto e que avançou em seu caminho. Do ponto de vista da história, os problemas de princípio e de método parecem estar definitivamente resolvidos. Não acontece o mesmo com a sociologia. Não se pode dizer que ela não se tenha desenvolvido: entre seus ramos, a etnografia e a etnologia, que são aqueles de que trataremos mais especificamente aqui, floresceram durante as últimas três décadas, numa prodigiosa produção de estudos teóricos e descritivos. Isso se fez, porém, à custa de conflitos, divisões e confusões, nos quais se pode reconhecer, transposto ao âmago da própria etnologia, o debate tradicional – muito mais simples nessa forma – que parecia opor a etnologia, como um todo, a uma outra disciplina, a história, também considerada em seu conjunto. Num paradoxo suplementar, veremos que a tese dos historiadores é retomada textualmente entre etnólogos, e justamente por aqueles que se proclamam adversários do método histórico. Para compreender tal

1. H. Hauser 1903; F. Simiand 1903.

situação, é indispensável retrazar brevemente sua origem e, para maior clareza, estabelecer algumas definições.

Deixaremos de lado, neste artigo, o termo “sociologia”, que desde o início do século ainda não fez por merecer o sentido geral de *corpus* do conjunto das ciências sociais, desejado para ele por Durkheim e Simiand. Tomada na acepção que lhe davam, ainda corrente em vários países da Europa e inclusive na França, de reflexão acerca dos princípios da vida social e das ideias que os homens tiveram e têm a esse respeito, a sociologia equivale à filosofia social e se mantém alheia a nosso estudo. E se virmos nela, como ocorre nos países anglo-saxões, um conjunto de pesquisas positivas a respeito da organização e do funcionamento das sociedades do tipo mais complexo, a sociologia se torna uma especialidade da etnografia, sem poder almejar, em razão da própria complexidade de seu objeto, atingir resultados tão precisos e ricos quanto esta última, cuja consideração apresenta, por essa razão, maior valor tópico do ponto de vista metodológico.

Resta definir a própria etnografia e a etnologia. Distinguí-las-emos, de maneira bastante sumária e provisória, mas suficiente para um início de investigação, dizendo que a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos tomados em sua especificidade (muitas vezes escolhidos entre os mais diferentes do nosso, mas por razões teóricas e práticas que nada têm a ver com a natureza da pesquisa), visando à restituição, tão fiel quanto possível, do modo de vida de cada um deles. A etnologia, por sua vez, utiliza comparativamente (e com finalidades que haveremos de determinar adiante) os documentos apresentados pela etnografia. Com essas definições, a etnografia assume o mesmo sentido em todos os países, e a etnologia corresponde aproximadamente ao que se entende, nos países anglo-saxões (em que o termo “etnologia” está caindo em desuso), por antropologia social e cultural (a antropologia social se dedica basicamente ao estudo das instituições consideradas como sistemas de representação, e a antropologia cultural ao das técnicas, eventualmente também das instituições, consideradas como técnicas a serviço da vida social). Por fim, nem é preciso dizer que se, eventualmente, os resultados do estudo objetivo das sociedades complexas e das sociedades ditas primitivas puderem ser integrados, para fornecer conclusões universalmente válidas do ponto de vista diacrônico ou sincrônico, a

sociologia, tendo atingido sua forma positiva, perderá automaticamente o primeiro sentido que apontamos e passará a merecer aquele que sempre almejou, o de realização das ciências sociais. Ainda não chegamos lá.

Isso posto, o problema das relações entre as ciências etnológicas e a história, que é ao mesmo tempo seu drama interior revelado, pode ser assim formulado: ou nossas ciências se debruçam sobre a dimensão diacrônica dos fenômenos, isto é, a sua ordem no tempo, e se tornam incapazes de fazer-lhes a história, ou buscam trabalhar como os historiadores, e a dimensão temporal se lhes escapa. Pretender reconstituir um passado cuja história não temos meios de atingir ou querer fazer a história de um presente sem passado, eis o drama, da etnologia num caso, da etnografia no outro. De todo modo, é esse o dilema no qual seu desenvolvimento, ao longo dos últimos cinquenta anos, parece ter frequentemente encurralado uma e outra.

I

Não é nos termos da oposição clássica entre evolucionismo e difusionismo que essa contradição se afirma, posto que, desse ponto de vista, as duas escolas concordam. A interpretação evolucionista é, na etnologia, a repercussão direta do evolucionismo biológico.² A civilização ocidental aparece como a expressão mais avançada da evolução das sociedades humanas, e os grupos primitivos como “sobrevivências” de etapas anteriores, cuja classificação lógica poderá fornecer, automaticamente, a ordem de aparecimento no tempo. Mas a tarefa não é assim tão simples: os Esquimós, grandes técnicos, são sociólogos medíocres e, na Austrália, ocorre o inverso. Poderíamos multiplicar os exemplos. Uma escolha ilimitada de critérios permitiria construir um número ilimitado de séries, todas diferentes. O neoevolucionismo de Leslie White (1943, 1945, 1947) tampouco se mostra capaz de superar essa dificuldade, pois se o critério por ele proposto – quantidade média de energia disponível, em cada sociedade, por habitante – corresponde a um ideal aceito em certos períodos e em certos aspectos da civilização

2. Isso é verdade no final do século XIX. Mas não podemos esquecer que, historicamente, o evolucionismo sociológico é anterior ao outro.

X. A EFICÁCIA SIMBÓLICA

O primeiro grande texto mágico-religioso conhecido pertencente a culturas sul-americanas, que acaba de ser publicado por Wassen e Holmer, lança luzes totalmente novas sobre certos aspectos da cura xamânica e levanta problemas de interpretação teórica que o excelente comentário dos editores certamente não esgota. Gostaríamos de reexaminá-lo aqui, não da perspectiva linguística ou americanista que foi sobretudo adotada na discussão desse texto até agora (Holmer & Wassen 1947), mas para tentar extrair dele implicações gerais.

Trata-se de um longo encantamento, cuja versão indígena ocupa dezoito páginas divididas em quinhentos e trinta e cinco versos, coletado junto a um velho informante de sua tribo pelo índio cuna Guillermo Haya. Como se sabe, os Cuna vivem no território da República do Panamá, e o saudoso Erland Nordenskiöld lhes dedicou especial atenção, chegando até a formar colaboradores entre os indígenas. No caso que nos interessa aqui, foi depois da morte de Nordenskiöld que Haya enviou a seu sucessor, o dr. Wassen, um texto redigido na língua original e acompanhado de uma tradução em espanhol, que Holmer se encarregaria de revisar cuidadosamente.

O objetivo do canto é ajudar num parto difícil. Sua utilização é relativamente excepcional, já que as mulheres indígenas da América Central e da América do Sul parem com mais facilidade do que as das sociedades ocidentais. A intervenção do xamã é, portanto, rara, e ocorre em caso de fracasso, a pedido da parteira. O canto começa por uma descrição da aflição desta última, sua visita ao

xamã, a saída deste em direção à casa da parturiente, sua chegada e seus preparativos, que consistem em fumigações de feijões e cacau queimados, invocações e confecção das imagens sagradas, os *nuchu*. Essas imagens, esculpidas em determinadas madeiras, que lhes dão sua eficácia, representam os espíritos protetores que o xamã emprega como assistentes, e que pega pela cabeça para levá-los até a morada de Muu, força responsável pela formação do feto. A explicação do parto difícil é que Muu extrapolou suas atribuições e se apossou do *purba* ou “alma” da futura mãe. Por isso, todo o canto consiste numa busca, a do *purba* perdido, que será restituído depois de muitas peripécias, como a demolição de obstáculos, a vitória sobre animais ferozes e, finalmente, um grande torneio entre o xamã com seus espíritos protetores e Muu com suas filhas, com a ajuda de chapéus mágicos cujo peso elas não conseguem suportar. Vencida, Muu permite que o *purba* da paciente seja descoberto e libertado, o parto se realiza, e o canto termina enunciando os cuidados tomados para que Muu não escape atrás de seus visitantes. Não se trata de um combate contra a própria Muu, que é indispensável para a procriação, mas apenas contra seus abusos; uma vez corrigidos, as relações tornam-se amigáveis, e a despedida que Muu dirige ao xamã equivale praticamente a um convite: “Amigo *nele*, quando você irá voltar para me ver?” (p. 412).

Até aqui, traduzimos o termo *nele* por xamã, o que pode parecer impróprio, já que a cura não parece exigir nenhum êxtase ou passagem para outro estado por parte do oficiante. Contudo, o objetivo primeiro da fumaça de cacau é “fortalecer suas roupas” e “fortalecer” a ele próprio, “torná-lo valente para enfrentar Muu” (pp. 65-66) e, mais importante, a classificação cuna, que distingue entre vários tipos de médicos, mostra claramente que o poder do *nele* possui fontes sobrenaturais. Os médicos indígenas se dividem em *nele*, *inatuledi* e *absogedi*. As duas últimas funções se referem a um conhecimento dos cantos e dos remédios que se obtém mediante estudo e que é verificado por exames, ao passo que o talento do *nele* é considerado inato e consiste numa vidência que descobre imediatamente a causa da doença, isto é, o lugar do rapto das forças vitais, específicas ou gerais, pelos maus espíritos, pois o *nele* é capaz de mobilizá-los para fazer deles seus protetores ou seus assistentes (Nordenskiöld 1938: 80 ss). Trata-se, conseqüentemente, de um xamã, ainda que sua intervenção no parto

COLEÇÃO ARGONAUTAS

Marcel Mauss

Sociologia e antropologia

Henri Hubert & Marcel Mauss

Sobre o sacrifício

Claude Lévi-Strauss

Antropologia estrutural

Claude Lévi-Strauss

Antropologia estrutural dois

Pierre Clastres

A sociedade contra o Estado

Roy Wagner

A invenção da cultura

Marilyn Strathern

O efeito etnográfico

Manuela Carneiro da Cunha

Cultura com aspas

Eduardo Viveiros de Castro

A inconstância da alma selvagem

© Ubu Editora, 2017

© Plon, 1958, 1974

Esta tradução foi originalmente publicada pela editora Cosac Naify em 2008.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

ASSISTENTE EDITORIAL Mariana Schiller

PREPARAÇÃO Nina Basilio e Cláudia Cantarin

REVISÃO Débora Donadel

REDESENHO DE FIGURAS Anna Ferrari

DESIGN Elaine Ramos

ASSISTENTE DE DESIGN Lívia Takemura

COMPOSIÇÃO Jussara Fino

PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lévi-Strauss, Claude [1908-2009]
Antropologia estrutural: Claude Lévi-Strauss
Título original: *Anthropologie structurale*
Tradução: Beatriz Perrone-Moisés
São Paulo: Ubu Editora, 2017
432 pp.

ISBN 978 85 92886 44 8

CDD 301

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia estrutural: Sociologia 301

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br